

Concepção do Sagrado na Perspectiva Ambiental e a Relação Humano/Não-Humano em *Bichos*, de Miguel Torga e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

Conception of Sacred Through the Environmental Perspective and the Relation Human/Non-Human in Bichos, by Miguel Torga and Vidas Secas by Graciliano Ramos

La Concepción del Sagrado en la Perspectiva Ambiental y la Relación Humano/No-Humano en Bichos, de Miguel Torga y Vidas Secas de Graciliano Ramos

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de
UFRP – UNEB/PPGEcoH – Professora Doutora
E-mail: socorroalmeidalettras@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8434-5561>

Recebido: 11/01/2023 | Revisado: 25/02/2023 | Aceito: 12/03/2023 | Publicado: 30/12/2023
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10475359>

RESUMO - O texto traz algumas observações sobre as perspectivas ambientais nas obras *Bichos*, de Miguel Torga e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, tentando ver como se revela a concepção de sagrado nessas obras, especialmente através do conto Jesus, da obra torguiana e do episódio Inverno de *Vidas Secas*. Contamos com o embasamento teórico e crítico de estudos literários, teológicos, ambientais e filosóficos e pudemos observar que os textos aludem ao sagrado através de simbologias representadas pela natureza externa e pelo comportamento e ações humanas em relação ao não-humano, e que as obras, cada uma a sua maneira, trazem a inserção do homem em si mesmo, chama-o a olhar para sua maneira de ver a vida e, principalmente, de vivê-la consigo e com o outro.

Palavras-chave: Humano. Sagrado. Meio ambiente.

ABSTRACT - This text brings up observations on the environmental perspectives in the works *Bichos*, by Miguel Torga, and *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, in order to understand how the conception of sacred is revealed in them, specially through the story *Jesus*, from Torga's novel, and the episode *Winter*, from Ramos'. The work counted on the theoretical and critical foundation of literary, theological, environmental and philosophical studies, and it concluded that the texts approach the sacred through symbologies represented by the external environment and the human behaviors and actions towards non-humans. It also showed that the works, each one in their particular way, approach the insertion of man within himself, inviting him to look upon his own ways of seeing life and, most importantly, living with himself and others.

Keywords: Human, Sacred, Environment

RESÚMEN - El texto trae algunas observaciones sobre las perspectivas ambientales en las obras *Bichos*, de Miguel Torga y *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, tratando de ver cómo la concepción de lo sagrado se revela en estas obras, especialmente a través del cuento Jesús, la obra Torquiana. y el episodio Winter de *Dried vive*. Nos apoyamos en las bases teóricas y críticas de estudios literarios, teológicos, ambientales y filosóficos y pudimos observar que los textos aluden a lo sagrado a través de símbolos representados por la naturaleza externa y por

el comportamiento y acciones humanas en relación con lo no humano, y que las obras, cada una a su manera, acercan al hombre a sí mismo, lo llaman a mirar su manera de ver la vida y, principalmente, de vivirla consigo mismo y con los demás.

Palabras claves: Humano. Sagrado. Medio ambiente

INTRODUÇÃO

A literatura revela, entre outros aspectos, a condição de ser e de estar do humano no mundo. Junto com esses aspectos vem seus valores, crenças e costumes que lhe dão uma identidade perante a sociedade em que está inserido. Por outro lado, a concepção de sagrado, diferente do que uma grande parte das pessoas pensa, não está ligada apenas a figuras divinais, mas também ao que cada pessoa tem e entende como sagrado, ou seja, aquilo que toma uma pessoa de forma incondicional e profundamente, um sentimento especial em relação a alguém ou alguma coisa material ou imaterial.

Dessa forma, o que é sagrado para um pode não ser para outro. O dinheiro, por exemplo, pode ser algo sagrado para algumas pessoas, para outras o que é sagrado ou que está acima de tudo é honra, ética entre outros aspectos. Assim, o sagrado se relaciona com algo especial e tem um valor incondicional para uma determinada pessoa ou um grupo social, podendo ser mais de uma coisa, ou seja, pode se revelar de várias formas. Para uma mãe dedicada, por exemplo, o filho é sagrado, sendo assim, o valor dado às coisas e às pessoas é que os tornam sagrados. Podemos perceber então que o sagrado pode se revelar em situações adversas. No sertão brasileiro, castigado pela seca durante quase todo o ano, a chuva é um elemento sagrado, não só pela sua utilidade em relação a subsistência, mas também por se acreditar que é enviada pelo Divino. Do mesmo modo, tudo que se relaciona com o Cristo, com o texto bíblico ou características divinas é considerado como sagrado. Assim, observamos que o sagrado pode estar ligado aos preceitos divinizados, mas pode se revelar, também em aspectos mundanos, desde que esses aspectos sejam considerados como algo especial e visto como algo que ocupa, sentimentalmente, um valor incondicional para um determinado sujeito.

A literatura é uma forma encontrada para representação de sentimentos, ponto de vista, aspectos sociais, históricos, psicológicos, intelectuais, espirituais, filosóficos, entre outros, que se condicionam à estética e ao estilo do criador literário. Nesse

sentido, a perspectiva de sagrado pode se revelar numa obra literária de várias maneiras e em vários contextos diferentes. Diante disso, procuramos observar nas obras *Bichos*, de Miguel Torga e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, como se revela a concepção de sagrado e sua relação com os elementos naturais. Para esse intento, recorreremos aos estudos filosóficos, teológicos, literários, históricos, sociológicos, entre outros.

Das obras estudadas, vamos nos ater a dois pontos em especial: o conto “Jesus”, da obra *Bichos* e o episódio “Inverno” de *Vidas Secas*. Esclarecemos que não veremos as obras separadamente, vamos comentá-las ao mesmo tempo e em um texto corrido, sem a presença de tópicos. É interessante observar que as obras trazem a condição de bichos e homens em que um não é melhor ou pior do que o outro, apenas cumprem diferentes missões na máquina do mundo. Ramos mostra o uso do homem pelo outro, a limitação pela falta da palavra, não da palavra verbalizada, mas do argumento que dá, ao sujeito, a autonomia e a perspectiva de sê-lo. Torga, dentro de uma concepção humanista, de um modo mais lírico e simbólico, traz a crítica social e a condição de ser do homem e sua capacidade em relação ao outro.

A NATUREZA E O SAGRADO NO CONTO “JESUS” DE *BICHOS* E NO EPISÓDIO “INVERNO” DE *VIDAS SECAS*

Ramos e Torga, cada um à sua maneira, colocam entre os humanos a esperança e a relação direta com a natureza, mostrando que o homem é apenas mais um elemento dentro da complexa engrenagem natural do mundo, sendo que seu comprometimento com essa máquina é maior do que ele próprio pode imaginar. Daí a importância do cuidado e do zelo para com o meio ambiente no sentido de que o humano faça jus ao que lhe faz diferente do não-humano.

As obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *Bichos*, de Miguel Torga, trazem uma relação do homem com o mundo e com o outro, como vê e como é visto pelo outro. Em *Vidas Secas*, por intermédio da família de Fabiano e em *Bichos*, por meio dos arquétipos sociais evidenciados nas narrativas que compõem a obra. A narrativa torguiana começa com o conto Nero, um cão que já no fim da vida, busca na memória, uma retrospectiva de toda sua trajetória mundana, levando o leitor a refletir sobre si

mesmo, sobre a sua condição no mundo. A história deixa evidente o ciclo vital e o papel que nos cabe nesse cabedal.

O livro *Bichos* é composto por quatorze contos e termina com o conto *Vicente*, o corvo, um dos animais, segundo a obra, inseridos na arca de Noé. Vicente representa a insubordinação às regras do sistema teológico-social de simplesmente ser aprisionado na “arca” e obedecer cegamente a um poder que nem sabe porque existe nem o que significa, ou seja, qual o sentido de viver aprisionado a preceitos que não consegue entender se não tem a liberdade de expressão, pensamento ou autonomia sobre si mesmo.

Dessa forma, assim como Prometeu, Vicente desafia “Deus” e dá aos outros viventes da arca uma demonstração de coragem e visão crítica do mundo, numa atitude transgressora das leis repressoras e “divinais”. De certa forma, a atitude de Vicente assemelha-se a do escritor literário que, por meio de sua obra, lentifica o olhar do homem para o mundo e para o outro, ao tempo em que o faz refletir sobre si mesmo. Esses aspectos de edificam no contexto sociopolítico e cultural pelo qual passava Portugal do final da década de vinte até meados da década de setenta, uma vez que o país estava sem autonomia política já que havia sofrido o golpe militar e estava sob o domínio salazarista. Esse período foi marcado pelo autoritarismo, estagnação econômica, repressão política e brutalidade da polícia encarregada da segurança do Estado. De acordo com Kellen M. C. Resende (2009, p. 21) “O salazarismo, inspirado no fascismo, instituiu o Estado Novo com a Constituição de 1933, tendo como aliada a Igreja católica, com a qual se associou através de uma Concordata, o que ajudou a instituir a ideologia do regime”. Para a autora, a Igreja cooperou para que se acreditasse que não existia a luta de classes no país, pois havia uma harmonia dos diferentes interesses sociais.

Ao percorrermos a obra torgueana podemos observar que no meio dela, entre bichos e homens, está o conto “Jesus”, um intertexto bíblico captado por Torga. Jesus menino preocupa os pais ao contar o perigo a que se submeteu para chegar ao ninho de um Pintassilgo, em cima de uma grande árvore. Esse é particularmente, o conto que vai nortear a ideia desse texto, vamos tentar observá-lo mais profundamente.

A obra de Graciliano Ramos compactua com a perspectiva de *Bichos*. *Vidas Secas* contém os arquétipos por eles mesmos, através da família de Fabiano que, assim como os bichos de Torga, representam os excluídos de uma sociedade

hegemonicamente perfeita. A narrativa começa com a mudança da família em busca de uma melhor perspectiva de sobrevivência e termina com a fuga na mesma situação, ou seja, novamente em busca da esperança de dias melhores.

A relação estrutural de começo, meio e fim da obra, na realidade não finda, é como se o fim fosse sempre um recomeço, o que também dá a ideia de ciclo, de uma continuidade. É o homem acompanhando a passagem do tempo através da natureza, porém, em *Vidas Secas* dirigimos nossa atenção especialmente para o episódio “inverno” que, assim como “Jesus”, em *Bichos*, também está no meio da narração. Dessa forma, faremos uma leitura desses textos para cotejar neles, a representação de sagrado e a relação com o real.

Sendo assim, é interessante observar o que revela a concepção de sagrado no imaginário humano e como pode se estabelecer o encontro entre a literatura e a teologia. Em conformidade com esse aspecto, Barcellos apresenta uma possível relação observando que:

A primeira relação que se pode estabelecer entre a teologia e a literatura é a leitura teológica de uma obra literária. A Teologia não é apenas uma atividade crítica da fé, em relação aos seus próprios conteúdos e a sua linguagem, mas também pode ser uma reflexão sobre uma realidade qualquer à luz da fé. Nesse sentido como uma literatura é sempre um testemunho de uma realidade humana, pode-se afirmar rigorosamente a possibilidade de uma leitura teológica de qualquer obra literária. (2001, p. 16)

Sabe-se que desde o começo do mundo, mito, homem e mundo estão intimamente relacionados, porque o homem sempre tentou explicar o explicável e o inexplicável e é nesse último que nasce a concepção do mito, em virtude da criação imaginária de elementos para embasar essa explicação. O homem contemporâneo, nesse sentido, não se distancia do homem primitivo e a condição dele no mundo sempre vai ser motivo de reflexão, assim como as possíveis possibilidades para a vida, nascimento e morte.

Desse modo, revelam-se as percepções do imaginário em relação a tudo que existe, tanto de forma objetiva quanto subjetiva. Cria-se, a respeito de algo, um sentimento com um grau de afetividade positiva ou negativa que alimenta nossas crenças e, conseqüentemente, as atitudes. Nesse contexto, tanto Miguel Torga quanto

Graciliano Ramos tentam uma explicação simbólico-literária para o fenômeno humano-natureza, vida e morte. Quando se fala em explicar não é dizer, mas deixar que o leitor veja com seus próprios olhos, através das possibilidades sugeridas pela literatura uma vez que: “Explicar é relacionar um efeito a uma causa que a antecede ou determina. Explicar é, portanto, reconstruir o nexo causal existente entre os fenômenos da natureza, é tornar um fenômeno como efeito de uma causa. É a existência desse nexos que torna a realidade inteligível e nos permite considerá-la como tal”. (MARCONDES, 1997, p. 24).

É possível compreender que Ramos e Torga tentam colocar o ciclo vital como algo natural para a continuação da espécie e a morte como a explicação para a vida, enquanto esta é a causa do efeito daquela e, entre uma e outra, há a esperança para fazer essa passagem com mais dignidade, dentro da realidade mundana do humano e da relação dele com seus semelhantes e com os entes não humanos.

Dentro de um contexto socioexistencial o ser humano sempre procurou se explicar, se conhecer, “traduzir-se” como diria Ferreira Gullar.¹ O homem sempre foi um ponto de preocupação dos pensadores no objetivo de entender melhor o mundo, por ser este composto e comandado pelo humano que seria o princípio e o fim de tudo, mas é preciso entender o todo, ou seja, o mundo é composto por várias outras espécies que precisam ser respeitadas em seus direitos de existência tanto quanto o humano. No entanto, o humano acredita ser superior em virtude da inteligibilidade e raciocínio, talvez esses aspectos sejam alguns dos motivos ou elemento motriz para busca de respostas. É preciso explicar a existência desse homem e essa explicação metafísica é refletida em obras literárias, mesmo sendo esse, um dos conflitos da filosofia, como afirma Cassier:

Parece ser universalmente admitido que a meta mais elevada pela indagação filosófica é o conhecimento de si próprio. Em todos os conflitos travados entre as escolas filosóficas, esse objetivo permaneceu invariável e inabalado: Revelou-se o ponto de Arquimedes, o centro fixo e imutável, de todo pensamento. Nem mesmo os mais céticos pensadores negaram a possibilidade e a necessidade do conhecimento próprio. (1977, p. 01)

¹ Traduzir-se é um poema de Ferreira Gullar que foi musicado por Fagner, cuja temática é a complexidade humana. O autor procura levar a ideia do conhecer-se a si mesmo.

Diante do exposto, observa-se que Torga e Ramos tentam, literariamente, chamar a atenção do homem sobre si mesmo, através de sua condição de ser e estar no mundo, evidenciando a relação de poder e a imagem do homem aos olhos do outro e dele próprio. A obra *Bichos* retrata, através dos arquétipos, os excluídos socialmente. Também traz a condição de cada um na sociedade, além de retratar, por meio do fluxo da consciência dos personagens, a condição de estar e a concepção de ser, suas percepções, esperanças, anseios, receios e perspectivas sobre o mundo, fatores presentes, também nos personagens de *Vidas Secas*, como o sonho de consumo de Sinhá Vitória, o sonho do menino mais novo, as perspectivas de Fabiano, a espera da chuva, entre outros.

Em *Bichos*, entre os arquétipos, cita-se o velho abandonado representado por “Nero”; o bonvivã que se acomoda à mordomia, na figura de Mago (o gato); a mulher reprimida, coisificada, representada por Madalena; o trabalhador excluído na hora de maior necessidade, através de Morgado (o asno); o vagabundo é vivido por Bambo (o sapo). Conta-se também com o homem sem a consciência de sê-lo, através de Ramiro; o insubordinado apresentado por Vicente (o corvo); a consciência em Farrusco (o pássaro), entre outros e, em meio a todos esses bichos e homens, está Jesus um menino que mora na cidade de Nazaré com os pais.

Torga e Ramos evidenciam o homem, não no sentido apenas individual, mas na sua convivência político-social, o que não foge ao pensamento de Cassirer (1977, p. 109) de que “deve-se estudar o homem, não em sua vida individual, mas em sua vida política e social”, haja vista que, antes de ser individual, o homem é um ser cultural, ou seja, um elemento do meio, seja ele restrito (família) ou amplo (sociedade).

A obra *Bichos* mostra o espiritual através de uma simbologia que traz a reflexão, numa relação entre o divino e a realidade social. Assim, a narrativa multifacetada dá, ao personagem Jesus, a condição de intermediário, pois segundo Barcelos (2001, p. 17) “cada homem busca o seu próprio caminho até Deus”. Torga busca em Jesus, não o caminho para Deus, mas para o próprio homem, ou seja, direciona o seu olhar até o outro, haja vista que “se o mistério de Cristo para a cultura ocidental é único e universal, a inserção nele de cada homem ou mulher dá-se sempre a partir da situação concreta em que ele ou ela se encontra. [...] se Cristo para o cristão é Caminho, Verdade e Vida, é, pois, como seguimento de Cristo que se compreende a espiritualidade cristã”. (BARCELOS, 2001, p. 18)

Levando em consideração as afirmações de Barcellos, se pode dizer que Miguel Torga, no conto Jesus, explora a essência do divino e do sagrado no protagonista para trazer a realidade social até o leitor. O conto encontra-se no meio da obra, portanto, entre homens e bichos, isso faz do personagem, uma pessoa comum, como qualquer outra. A intertextualidade observada pelo leitor provoca uma certa inquietação, mas a curiosidade da criança e a generosidade do homem se fundem no menino que desobedece os pais e se arrisca para tentar salvar um passarinho.

O Jesus de Torga, ainda menino, de certa forma vai ser uma das possibilidades da re-figuração e reconstrução da esperança na obra, assim como foi o próprio Cristo, quando homens escravizavam uns aos outros. Esses aspectos também são constantes na história contada por Miguel Torga. Humanos são escravos do poder e uns dos outros, fatores que desencadeiam as desigualdades sociais, evidenciando a condição, em que um é visto como humano e outro como bicho como afirma Fromm:

Depois de Roma, Jerusalém era a cidade com maior proletariado desse tipo. Os artesãos que, habitualmente, só trabalhavam em casa, pertenciam, grande parte ao proletariado, fizeram causa comum com os mendigos, os trabalhadores braçais e os camponeses. Na verdade, o proletariado de Jerusalém estava em pior situação que o de Roma. Não gozavam dos mesmos direitos civis dos romanos, nem tinham as suas necessidades prementes, do estômago e coração atendidas pelos imperadores com as grandes distribuições de pão e os complicados jogos de espetáculos. (1978, p. 26)

Observa-se que a realidade não mudou muito, hoje não há imperadores no sentido restrito da palavra, mas suas ações permanecem metamorfoseadas nas atitudes de uma sociedade burguesa que exclui vários outros grupos. Tanto a realidade do sertanejo de Ramos, quanto dos trabalhadores rurais de Torga estão no contexto de milênios atrás. Segundo Fromm, é no contexto de desespero e busca de salvação que começam a surgir os Messias e profetas que criam os fundamentos das crenças religiosas, sendo Jesus Cristo, para a cultura ocidental, o mais importante deles. Portanto, Torga traz exatamente a mesma perspectiva humana de salvação usando a figura que revolucionou o Ocidente e que, embora não tenha conseguido

mudar todos os homens, fez nascer em alguns uma semente de esperança, através de pensamentos e atitudes.

O autor usa a perspectiva do imaginário social em relação a Jesus de uma forma, até certo ponto, irônica, na tentativa de mostrar a corrupção humana em todos os sentidos e que só algo ou alguém com o mesmo poder e perspectiva de sagrado perante a humanidade, poderia tirar a sociedade do mar de “lama” em que se afunda, porque a sociedade hoje se basta, já não considera valores éticos ou morais. O conto *Jesus*, da obra *torgueana*, começa quando os pais, extasiados, ouvem a história do menino que deixou sua cordeira ao pé de uma árvore e, passando por cima de todos os perigos, “sacrificou-se” subindo na grande árvore, caminhada cansativa, a ponto de parar três vezes.

Bebiam todos o caldo, recolhidos e calados, quando o menino disse:

__Sei um ninho!

A Mãe levantou os olhos negros a interrogar. O pai, esse, perdido no alheamento acostumando, nem ouviu [...] Mas o menino continuou. Disse que então prendera a cordeira a uma giesta e trepara pela árvore a cima.[...] O cedro era enorme, muito grosso e muito alto. E o corpito, colado a ele, trepava devagar, metade de cada vez. Firmava primeiro os braços e só então as pernas alcançavam até onde podiam [...] A subida levou tempo. Foi até preciso descansar três vezes pelo caminho, nos tocos duros dos ramos, por fim o resto teve de ser a pulso, porque eram já só vergõntas as pernas da ponta. (TORGA, 1996, p. 80)

Simbolicamente, essa cordeira deixada na árvore faz do menino o “cordeiro” e sua subida árdua na árvore remete ao sacrifício da caminhada de Jesus. Ao chegar ao topo da árvore o menino beija o ovo do passarinho que ganha vida e quebra o ovo. A esperança pede espaço, mais uma vez, quando relacionamos o conto a visão do homem depois do sacrifício de Cristo que, de acordo com o imaginário social, deu a vida ao humano em detrimento da sua própria vida, como consta a concepção cristã. Vê-se, simbolicamente, a esperança de um mundo melhor depois de Cristo e a esperança no salvador da alma e conseqüentemente do mundo. A concepção cristã mostra o sopro da vida, Torga mostra o beijo da vida e, ao mesmo tempo, o da morte, já que o beijo representa também a traição de Judas, e conseqüentemente a morte de Jesus. “Depois de pegar o ovo, de contente, dera-lhe um beijo. E, ao simples calor

da sua boca, a casca estalara ao meio e nascera lá de dentro um pintassilgo depenadinho”. (TORGA, 1996, p.80)

O conto remete, também, a estórias de meninos revistas na trajetória do menino Jesus humanizado por Torga. Por outro lado, provoca e sugere se pensar nos perigos que tantas crianças passam quando estão sozinhas nas ruas sem o cuidado dos pais que, muitas vezes, estão alheios a isso. Crianças que se expõem ao mundo sem nenhuma interferência paterna nem da sociedade para qual essas crianças são invisíveis. Esse aspecto fica claro em vários fragmentos como a primeira parte do trecho anterior, quando o menino começa a contar sua aventura e o pai, sempre alheio, não lhe dá ouvidos, só depois percebe o perigo pelo qual passou o menino:

Aqui, o menino fez parar o coração dos pais. Inteiramente esquecido da altura a que estava, procedera como se viver ali, perto do céu, fosse viver na terra, sem precisão dos braços cautelosos agarrados a nada. E ambos viram, num relance, o pequeno rolar, cair do alto, da ponta do cedro, no chão duro e mortal de Nazaré. (TORGA, 1996, p. 80)

Na verdade, o autor questiona indiretamente os apelos cristãos ao sacrifício de Jesus e, ao mesmo tempo, traz essa concepção para a obra ao colocar o menino Jesus como símbolo da esperança para os homens do mundo, esperança para a subvida dos seus “bichos” numa situação intertextual, dialogal entre a concepção divina cristã e a realidade do mundo de hoje, na qual quiçá Cristo fosse novamente a única esperança de mudança para a deturpação dos valores mundanos, já que, como diz o apóstolo Paulo, “Nisto não há judeu, nem grego, não há servo nem livre, não há macho nem fêmea, porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (GÁLATAS 3:28)

Dessa forma, observa-se que Torga provoca a reflexão quanto aos valores humanos, através de uma linguagem simbólica e arquetípica. Como já foi dito, o conto ‘Jesus’ está no meio da obra, propositamente é um jeito encontrado, pelo autor, de colocar Jesus entre os humanos e os bichos uma vez que a obra traz contos protagonizados por pessoas e por animais. Na maioria dos contos de *Bichos* se vê uma narrativa que começa pelo fim. Cada um dos personagens no momento final ou depois dele, trazem a sua trajetória de vida, através do fluxo da consciência, numa narração com focalização unisseletiva. Emerge assim, uma perspectiva humanista e

teológica, trazendo a evidência do ciclo vital, desmistificando a morte e encurtando o espaço entre vida e morte.

O final do conto *Jesus*, leva o leitor, mais uma vez, a perceber o contexto bíblico quando coloca o menino adormecido no colo da “virgem Mãe”. Ao metaforizar a morte como o sono eterno, logo se vê que há uma relação entre o Jesus de Torga e o da concepção Cristã, até porque, cada vez que se refere aos pais, tanto a palavra pai quanto mãe estão grafadas com letras maiúsculas.

Assim, é possível observar que o personagem Jesus, o símbolo do sagrado, seria talvez a saída para a tormenta pela qual passava Portugal na época. É através dessa persona, sagrada para a sociedade ocidental, que o autor mostra com um apelo de ironia, que o caos ao qual Portugal está imerso só teria jeito com uma intervenção divina, já que os humanos são incapazes de usar a consciência por si mesmos e verem o outro como gostariam e deveriam ser vistos.

Portanto, o conto não é apenas um intertexto com os aspectos bíblicos, tem uma intencionalidade maior que é mostrar uma realidade social, ainda que subliminarmente, uma vez que a liberdade de expressão, nesse período em Portugal, era algo com que se sonhava, pois a ditadura aprisionava a criatividade, amordaçava criadores e cometia arbitrariedades e injustiças, fatos que só poderiam ser ditos por intermédio das facetas literárias.

Em *Bichos*, cada elemento, cada personagem faz parte de um ciclo com começo, meio e fim e, esse fim, liga-se a um novo começo como efeito natural. O conto ‘Cega-rega’ evidencia, através da natureza, a passagem do tempo em comunhão com a vida do homem, representada pela cigarra. O conto mostra, as estações do ano, a passagem do tempo e coloca a vida do personagem acompanhando esse tempo até a morte.

Percebe-se que os elementos da natureza direcionam as narrações, o autor une fé e esperança à vida cotidiana do homem, envolvendo-o dentro do ciclo vital e provocando uma reflexão quanto a sua existência no mundo, quebrando a barreira que separa bicho-homem, sagrado-profano. Torna-se evidente a equivalência dos seres que, independentemente do reino em que estejam inseridos, fazem parte de um mesmo ciclo vital em que um depende do outro para uma melhor qualidade de vida na terra.

Levando em consideração a simbologia expressa por Miguel Torga, como ele mesmo chama atenção no prefácio da obra, pode-se dizer que o Jesus torgueano representa a esperança do povo português, que espera um “salvador” para tirá-lo do marasmo repressor, assim como o Ocidente espera pelo salvador da humanidade. Outra leitura permissível é o resgate implícito do mito do Sebastianismo, que faz o povo português acreditar na volta de D. Sebastião, remetendo a uma realidade anterior quando Portugal foi subjugado pelos espanhóis. Após ter desaparecido em Batalha em 1578, o rei D. Sebastião deixa órfão o país que passa a ser governado pelos espanhóis até 1640. Esse ocorrido ocasionou a crença na possibilidade de que o rei não estivesse morto e na criação do mito do sebastianismo.

Em *Vidas Secas* a perspectiva narrativa é semelhante a de *Bichos*, só que traz um foco narrativo com visão multisseletiva. Por ser *Bichos* um livro de contos, ou seja, de ter narrativas independentes, se evidencia apenas o protagonista de cada conto. Já em *Vidas Secas* a condição perceptiva do mundo e das coisas se evidencia em todos os personagens da obra, embora haja a centralidade de cada personagem em alguns episódios.

O romance *Vidas Secas* expressa uma realidade não muito diferente daquela mostrada por Torga. Graciliano Ramos nasce literariamente em meio a repressão e poldamento da liberdade de expressão no Brasil e é, ele, um dos maiores influenciadores de Torga, uma vez que a partir da década de 1930, os portugueses bebem nas fontes literárias brasileiras, especialmente da literatura regionalista, sendo o Neorrealismo português influenciado por vários autores americanos, europeus e sul-americanos especialmente os brasileiros Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Jorge Amado e José Lins do Rego.

No último conto de *Bichos*, intitulado Vicente, o autor coloca Portugal representado pela Arca e o povo português como os bichos lá colocados por Noé, por ordem de “Deus”. No conto torgueano Deus sugere a transfiguração de Salazar. O corvo Vicente é aquele que desafia o poder opressor desse Deus. “Em semelhante balburdia, lobos e cordeiros irmanados no mesmo destino apenas a sua figura negra e seca se mantinha inconformada com o procedimento de Deus. Numa indignação silenciosa: _ a que propósito estavam os animais metidos na confusa questão da torre de Babel?” (TORGA, 1996, p. 130)

Não se furta aqui, a observação da ironia torgueana ao se referir aos lobos e cordeiros que naquele momento eram iguais, estavam na mesma situação, também remete, mais uma vez, à condição Cristã de que “para Deus todos são iguais”. Vicente representa apenas um, entre tantos que, de alguma forma, protestam contra o poder opressor como os poetas e escritores em geral, entre eles o próprio Torga que não se isentou à crítica, mesmo através de alegorias. No Brasil, Graciliano Ramos chegou até a ser preso por causa de problemas com o regime autoritário de sua época, fato que lhe inspirou o romance *Memórias do cárcere*.

No livro de Torga, Vicente foge, dando aos outros, a possibilidade de liberdade. “O seu gesto foi, naquele momento, o símbolo da universal libertação. A consciência em protesto ativo contra o arbítrio que dividia os seres eleitos e condenados” (TORGA, 1996, p. 130). Está claro, no conto Vicente, a perspectiva do mito de Prometeu, o deus que desafiou o seu deus superior para levar o fogo ao homem, dando a este, a oportunidade de igualdade e pensamento, numa atitude de insubordinação, transgressão e coragem, assim como o fez o Vicente torgueano.

A obra do autor português traz uma concepção de mundo em que o homem, a terra e o animal estão em um mesmo nível, e a morte de um representa a fertilização da terra para que o outro viva, num ciclo vital contínuo e infindo. Assim, há uma comunhão entre os elementos que compõem a engrenagem para que o mundo obedeça a ordem natural das coisas.

Ao observar *Vidas Secas*, percebe-se que sua estrutura não se furta às perspectivas torgueanas, apesar do estilo diferente. Trata-se de uma obra aberta e desarticulada, podendo ser entendida quando lida a partir de qualquer um dos episódios. A obra é constituída por treze episódios, sendo, o Inverno, o sétimo episódio, localizado exatamente no meio dos outros.

Em meio às agruras vividas pelo homem sertanejo, em virtude da seca que castiga a terra e tira a esperança de sobrevivência, está a família de Fabiano que, entre a injustiça social e a seca, procura sobreviver cada dia sem perspectivas ou direito de sonhar, embora Fabiano, transgredindo a essa situação, “ouse”, mesmo que por breves momentos, imaginar uma possibilidade de mudança. “Eram todos felizes. Sinhá Vitória vestiria uma saia longa de ramagens. A cara murcha de Sinhá Vitória remoçaria, as nádegas bambas de Sinhá Vitória engrossariam; a roupa encarnada de Sinhá Vitória provocaria a inveja dos outros caboclos” (RAMOS, 1999, p.16).

Percebe-se que a felicidade estaria na possibilidade de ter o que comer, um sonho que para a sociedade capitalista, seria muito pequeno, mas para Fabiano seria o motivo de felicidade. Dessa forma, é relevante observar que na realidade de Fabiano a comida e, portanto, a felicidade está relacionada ao tempo cronológico e, especialmente, ao tempo climático. O tempo, “senhor da razão”, comandaria por meio das forças divinas, a vida do sertanejo, proporcionando a felicidade trazida pela chuva que molha a terra para semente brotar e faz o sertanejo a ver como sagrada.

O episódio Inverno, em *Vidas Secas*, não vai representar apenas fartura, mas a íntima relação e cumplicidade do humano com a natureza. Dentro de uma perspectiva teológico-existencial, ele significa a certeza da vida por mais um ano e, acima de tudo, a esperança da felicidade. O inverno nessa obra também representa a união familiar de pessoas embrutecidas, secas, estorricadas, assim como a terra queimada pelo sol. Com o inverno, Fabiano, pela primeira vez é pai de seus filhos e age como tal, conta-lhes histórias fragmentadas, mas dá aos meninos, a condição de filhos. Assim, o inverno é o elo que liga, não só os episódios da primeira à segunda parte da obra, mas também é o elo entre os personagens.

A família estava reunida em torno do fogo, Fabiano sentado no pilão caído, Sinhá Vitória de pernas cruzadas, as coxas servindo de travesseiro aos filhos. A cachorra Baleia, com o traseiro no chão e o resto do corpo levantado, olhava as brasas que se cobriam de cinzas. Estava um frio medonho, as goteiras pingavam lá fora, o vento sacudia os ramos das catingueiras, e o barulho do rio era como um trovão distante. Fabiano esfregou as mãos satisfeito e empurrou os tições com a ponta da alpercata. (RAMOS, 1999, p. 64)

O frio do inverno ocasiona a junção, o abraço, a descoberta dos sentimentos no coração dos personagens, fazendo com que se sintam realmente uma família. Mesmo que, ainda na escuridão da inconsciência, o fogo do lume fraco e ameaçando apagar-se, mostra-nos ainda um fio de esperança que Sinhá Vitória e Fabiano tentavam alimentar, abanando o fogo e remexendo as brasas, enquanto os meninos se davam ao prazer de uma conversa em família. Fabiano estava de bom humor.

Fabiano tornou a esfregar as mãos e iniciou uma história bastante confusa, mas como só estavam iluminadas as alpercatas dele, o gesto passou despercebido. O menino mais

velho abriu os ouvidos, atento. Se pudesse ver o rosto do pai, compreenderia talvez uma parte da narração, mas assim no escuro a dificuldade era grande. (RAMOS, 1996, p. 65)

O momento era tão especial que o menino nem se importava se estava entendendo a história, o importante era o fato em si, o encontro com o pai. O inverno parece ser a possibilidade da existência da família, um elo sagrado entre os personagens, traz a esperança de uma vida estável, pelo menos por alguns meses: “Dias antes a enchente havia coberto as marcas postas no final da terra de aluvião, alcançava as catingueiras que deviam estar submersas. [...] Não havia o perigo da seca imediata que aterrorizava a família durante meses” (RAMOS, 1999 p, 65).

À luz de Silva (2007), é possível observar que o sagrado é uma determinação canônica oficial, mas a sacralidade no texto não está na afirmação do nome de Deus, mas na forma com que esse texto possibilita ao leitor se reportar ao universo espiritual. Dessa forma, o místico está no como se diz e não propriamente no que é dito. A esperança representada pelo inverno está ligada a fé que, segundo Tillich (1996, p. 05) “é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”. Assim, relaciona-se esse episódio à fé e à esperança que representa, também, o conto Jesus na obra *torgueana*. Vê-se então, que as duas obras trazem, cada uma a sua maneira, a concepção do sagrado no imaginário humano.

Para Micea Eliade (2001) todo espaço sagrado é considerado distinto e destacado na convivência, é qualitativamente diferente pelo sentimento que lhe é atribuído (pela simbologia que representa). Eliade enfatiza, ainda, que ao sacralizar o mundo, o sujeito atribui significação sagrada em oposição a todo resto, sendo esta, a forma de sentido. Assim, o autor coloca confluências de sagrados em uma gama diversificada de sacralidades. Sendo a expressão da fé, colocada por Tillich (1996), como algo que nos toma incondicionalmente, pode se dizer que o sertanejo é tomado incondicionalmente pelo desejo de que a chuva caia para dar-lhe esperança de dias melhores, tornando-se, a chuva, sagrada para o sertanejo. Tillich ainda fala que a fé existe, não pela certeza, mas pela possibilidade. É, portanto, a possibilidade que leva o homem a pedir chuva, a fé que é renovada cada vez que a chuva molha a terra e torna sagrado o chão e a comida que dele brota, já que sagrado, segundo Tillich, é aquilo que nos é dado através da fé que nos toma incondicionalmente,

independentemente de ser divino ou não, pois se observa que o sagrado está ligado ao que o homem deseja e ao que o possui, e isso não é necessariamente elemento divino.

Para o sertanejo, a possibilidade de semear a terra; a felicidade por mais um ano é algo que o toma incondicionalmente. Para ele, o sertão é sagrado e a impossibilidade de lutar contra o sistema e o descaso dos governantes levam esse homem, muitas vezes pelo desconhecimento da causa, ao convívio com a esperança sagrada de que Deus mandará a chuva e, com ela, a vida por mais algum tempo.

Acreditar no divino, ser tomado incondicionalmente pela fé em Deus e pela esperança de que esse mandará a chuva ainda faz, em diversas situações, com que o homem sertanejo continue levantando em cada amanhecer e tentando sobreviver cada dia e, se necessário for, fugindo ou mudando-se como fazem Fabiano e sua família.

O ser humano é dotado de características existenciais que o envolve, tanto na perspectiva biológica quanto espiritual. Assim como os seres humanos, os animais possuem também suas características existenciais de acordo com a sua espécie e no sentido universal da existência. Dessa forma, homens e animais se encontram biologicamente e escatologicamente². Essa condição de ser é própria de todos os seres e revelada através de uma linguagem própria que parte de um universo restrito que cada ser possui. No poema *Transborda*, de Arnaldo Antunes, vê-se claramente a condição que faz os seres iguais, assim como se vê, também, o que os torna diferentes, o ato de pensar.

Dotado de características biológicas, mais sentimento e o pensamento o homem, no seu universo, tem a condição de “ser” e, socialmente, tem a condição de “estar” no mundo. Destarte, esse homem passa a um ser especial e “privilegiado” pelo raciocínio, o qual se transforma em atitudes e dá a esse humano suas características pessoais e o reserva como sujeito único no contexto social, político, intelectual, religioso e psicológico, formando sua identidade.

Tillich (1996, p.11) diz que “toda experiência humana envolve pensamento, simplesmente porque as vidas intelectuais e espirituais dos seres humanos manifestam-se pela linguagem. A linguagem é pensamento expresso em palavras faladas e ouvidas. Não há existência humana sem pensamento”. Assim sendo, é

² Escatológico está no sentido das ações involuntárias, pelas quais se expõem as impurezas do organismo.

evidente que Antunes e Tillich comungam da opinião de que o que diferencia o homem, não só dos outros animais, mas principalmente um do outro, é o pensamento. No seu contexto existencial o homem procura ir aonde lhe leva sua imaginação intelectual e sentimental que desencadeia suas ações e comportamentos.

As obras aqui observadas mostram que o homem, como resultado de suas ações, as quais são reflexos do seu modo de pensar, pode ser melhor ou pior, pode evoluir ou involuir; pode fazer ou simplesmente ignorar. Assim, somos levados à possibilidade de reparo das ações e à esperança de que há uma saída. O homem tem opções de escolha e essa escolha de “ser” é que vai condicionar o “estar” dele e do outro da sua espécie e de outras espécies no mudo.

Toda gama de experiências humanas, juntamente com as ações, formam a história de vida e interfere na vida uns dos outros. Por outro lado, o homem dentro da constituição do sentido de vida e de ser que lhe é própria, se faz enquanto sujeito e representa enquanto ser social, porque o sentido “nada mais é do que uma forma complexa de consciência: não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência. Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências” (BERGER e LUCKMANN, 2004 p.15). Assim, a capacidade de evoluir enquanto ser, faz evoluir também ao outro, tanto na perspectiva de “ser” quanto de “estar” no mundo. Portanto, observa-se que as obras observadas, cada uma a sua maneira, trazem, antes de tudo, a inserção do homem em si mesmo, chama-o a olhar para sua maneira de ver a vida e principalmente de vivê-la consigo e com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi visto, podemos observar que o sagrado nas obras investigadas está posto de forma diferente, mas ensejam algo de valor incondicional para os personagens. Em *Bichos* a figura de Jesus menino vem como um alento, uma esperança para a salvação desses bichos que, na verdade, representam humanos. O Jesus no meio da obra, entre bichos e homens, assim como veio no mundo, seria a esperança de mudança, segundo o imaginário e a fé do povo português. Assim, o país poderia sair da situação em que se encontrava. Esse aspecto não deixa de ser um pouco irônico por parte do autor, já que toda situação vivida, inclusive a de Portugal

naquele momento, depende unicamente das escolhas e das ações dos homens e que muito do que ocorre no mundo, como as injustiças sociais e outras, são frutos de uma sociedade hipócrita e egoísta.

O Inverno em *Vidas Secas* também significa a melhora para a família de Fabiano, assim como representa as centenas de famílias que esperam a “vontade de Deus” para que a chuva caia e possam sobreviver. Muitos não conseguem ver a falta de ação política para a solução do problema da seca e, quando aparece um fio de esperança, vem também a enxurrada de decepções pelas ações inescrupulosas dos que tiram as oportunidades de melhora.

Dessa forma, o inverno de *Vidas Secas* e o conto Jesus de *Bichos* se traduzem como momentos de esperança nas duas obras, como expressão de alegria união da família, uma vez que nas duas obras vemos duas famílias cuja relação fragmentada é unida pela presença e ação do menino Jesus, no texto de Torga e pelo frio e confinamento provocados pelo inverno em *Vidas Secas*.

Dentro da perspectiva do homem como elemento da natureza e igual a tantos outros seres, ao mesmo tempo em que se diferencia pelo pensamento, é que Miguel Torga e Graciliano Ramos embasam suas obras e chamam atenção do homem sobre si mesmo e, conseqüentemente, provoca seu olhar para outro, uma vez que, dotado de pensamento e sentimento, suas ações serão frutos da evolução desses “dotes” e da espécie.

Observa-se que as obras dão ao leitor, a condição de, no uso do pensamento, refletir, analisar, comparar-se e agir, perante a realidade expressa nas obras, que transfigura o real, para que ocorram mudanças a partir do universo de cada um, até chegar ao todo, pois a realidade precede o pensamento, mas é também verdade que o pensamento molda a realidade. Embora independentes, esses fatores comungam à medida que um influencia ou contribui para a transformação e evolução do outro.

Assim, através dos “bichos” de Torga e da família de Fabiano se vê, claramente, o mundo e suas fronteiras, também o que existe dentro de cada parte que forma o todo e como esse todo pode vir a ser único ou continuar fragmentado pelas injustiças sociais e políticas que são, nada menos, que as injustiças humanas, filhas de um pensamento segmentado e alimentado pela inconsciência de “Ser”.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Teologia: Aproximações**. São Paulo: EDUSC, 2001.

BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. Educação ambiental e Literatura: a contribuição das ideias de Otávio Paz. In BARCELOS, Valdo Hermes de Lima; NOAL, Fernando Oliveira. (orgs.) **Educação ambiental e cidadania - cenários brasileiros**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BÍBLIA. **GBíblia por Gospel: Gálatas 3:28**. Disponível em: <http://biblia.gospelmais.com.br/galatas_3:28/>. Acesso em: 12 de mar. de 2015.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FROMM, Erich. **O Dogma de Cristo e outros ensaios sobre religião, psicologia e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo: Record, 1999.

RESENDE, Kellen Millene Camargos **REVELLI Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas**. v. 1, n. 1, março de 2009.

SILVA, Eli Brandão da. **O Nascimento de Jesus Severino como revelação da esperança: Leitura na ponte entre teologia e literatura**. Campina Grande: UEPB, 2008.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1996

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. Jaci C. São Bernardo do Campo: Aste.[2000?]

TORGA, Miguel. **Bichos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.